

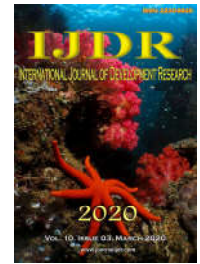


ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

# IJDR

*International Journal of Development Research*  
Vol. 10, Issue, 03, pp. 34228-34232, March, 2020



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## SELF-MEDICATION IN MEDICAL STUDENTS

<sup>1</sup>Thais França Barrionuevo, <sup>1</sup>Natália Maçarico Figueiredo Garcia, <sup>2</sup>Jair Francisco Pestana Biatto, <sup>3</sup>Mateus Dias Antunes and <sup>4</sup>\*Fernanda Shizue Nishida

<sup>1</sup>Acadêmicas de Medicina do Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR) Maringá, Paraná, Brasil

<sup>2</sup>Mestre em Promoção da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde do Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR) Maringá, Paraná, Brasil

<sup>2</sup>Doutorando em Ciências da Reabilitação, Departamento de Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (FOFITO), Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), São Paulo, São Paulo, Brasil

<sup>2</sup>Docente do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde do Centro Universitário de Maringá; Pesquisador do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICETI) Maringá, Paraná, Brasil

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 14<sup>th</sup> December, 2019

Received in revised form

03<sup>rd</sup> January, 2020

Accepted 17<sup>th</sup> February, 2020

Published online 30<sup>th</sup> March, 2020

#### Key Words:

Drugs. Students. Health Promotion.

#### \*Corresponding author:

Abdel Hafiz Abdel Rahman Mohammed Taha

### ABSTRACT

This is a cross-sectional study that aimed to analyze the prevalence of self-medication in medical students at a private institution in Maringá, Paraná-Brazil. The data were collected through a self-administered and semi-structured questionnaire, data from 581 students were obtained. The profile of young people showed a higher proportion between 20-24 years old, female, white, single marital status, living alone. The vast majority (96%) have used medication without a prescription, 65% say they read the package inserts and 84% said they know the adverse effects of the drugs. Among the reasons for self-medication, headache, sore throat and fever stand out. The most used drugs were analgesics and antipyretics. Among young people, 30% say they do not have time to go to the doctor and 77% believe that there is no need to seek medical help for the problem presented. Only 36% reported having theoretical knowledge to self-medicate and more than half always have medication available at home. Knowing the profile of these young people allows the development of strategies that promote health, monitoring and guidance of this group.

Copyright © 2020, Thais França Barrionuevo et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Thais França Barrionuevo, Natália Maçarico Figueiredo Garcia, Jair Francisco Pestana Biatto, Mateus Dias Antunes and Fernanda Shizue Nishida. 2020. "Self-medication in medical students", *International Journal of Development Research*, 10, (03), 34228-34232.

## INTRODUCTION

A automedicação de acordo com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), consiste no tratamento de doenças ou alívio de sinais e sintomas por meio do emprego de medicamentos receitados por pessoas não capacitadas ou por desejo do próprio indivíduo, sem avaliação pregressa de um profissional de saúde qualificado (BRASIL, 1998). A automedicação ocorre por meio da compra de fármacos sem receituário médico, usando ou reutilizando sobras de prescrições, bem como, uso de receitas antigas, compartilhando remédios com outras pessoas, desacatando a orientação médica, aumentando ou findando precocemente a dosagem e o período de tempo indicados no receituário (LOYOLA FILHO *et al.*, 2002). A automedicação é amplamente praticada em diversos países. No entanto, a prevalência é maior nos países de baixa e média renda, devido

a falta de regulação na prescrição, alto preço de consultas médicas particulares e ignorância da gravidade das doenças (SHEENA *et al.*, 2017). Outros fatores que estimulam essa prática são o descontentamento com o atendimento recebido no sistema de saúde pública, a má qualidade dos serviços prestados, o longo tempo de espera para que eles aconteçam (NAVES *et al.*, 2010), o medo dos sintomas se agravarem e as intensas campanhas de marketing, financiadas por empresas farmacêuticas e laboratórios (GALATO; MADALENA; PEREIRA, 2012). Os anúncios visam informar superficialmente sobre doenças e distúrbios, objetivando a venda de medicamentos. Para isso, essas propagandas se aproveitam da percepção das pessoas de que toda patologia exige tratamento farmacológico, colocando o medicamento como fundamental na resolução de problemas de saúde (SILVA *et al.*, 2012). Isso pode incentivar a busca de atendimento diretamente nas farmácias, justificado pela facilidade de acesso observada nestes locais e pelo fato de que

o farmacêutico conhece as características dos medicamentos, portanto, ele pode dar uma orientação simplificada aos pacientes que o procuram, favorecendo, muitas vezes, a não procura do médico e a automedicação (NAVES *et al.*, 2010). Alguns estudos indicam que uma importante parcela de praticantes de automedicação não advém da população analfabeta ou de baixa alfabetização, e sim da população com maior escolaridade. Dentre eles, uma fração representativa é composta por estudantes universitários da área da saúde, sobretudo os estudantes de medicina (LOYOLA FILHO *et al.*, 2002). Fatores que propiciam a automedicação nos estudantes de medicina são a autoconfiança, decorrente das aprendizagens teórica e prática adquiridas durante a graduação, o fácil acesso a fármacos, o contato direto com profissionais da área da saúde e até mesmo a falta de tempo para procurar assistência médica (SILVA *et al.* 2012). Mesmo que a automedicação possa trazer resultados satisfatórios, como a resolução temporária ou definitiva da doença ou de suas manifestações, nenhum medicamento é inócuo ao organismo. Além disso, os estudantes de medicina não costumam estar preparados para lidar com os efeitos colaterais, reações adversas e prejuízos que essa prática pode acarretar (GALATO; MADALENA; PEREIRA, 2012). Os estudantes, em especial, os universitários de medicina, sempre foram e são, ainda, considerados colaboradores da ciência, participando e contribuindo em várias pesquisas, nas mais diferentes áreas e atividades humanas, tanto como participantes, opinando acerca dos mais variados objetos sociais, quanto alvo de investigação. No entanto, nos últimos anos, esses universitários têm despertado outro tipo de interesse nos pesquisadores e preocupações nas autoridades acadêmicas, no que diz respeito a seu estilo e qualidade de vida (CONCHA-CISTERNAS *et al.*, 2020). Por essa razão, pesquisas sobre o perfil dos praticantes e suas motivações para a prática da automedicação constituem ferramentas de extrema importância para a estruturação correta da conduta acadêmica. Dessa forma, o objetivo do estudo foi analisar a prevalência da automedicação em estudantes de medicina.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal, descritivo, exploratório. O estudo abrangeu todos os 835 estudantes do primeiro ao sexto ano do curso de medicina de uma faculdade do município de Maringá, localizado no estado do Paraná, Brasil. Foram excluídos os estudantes que tinham menos de 18 anos e aqueles que não estiveram presente no dia da coleta. No total, 581 estudantes tiveram seus dados coletados. Os dados foram coletados por meio da aplicação de um questionário autoaplicável contendo questões acerca de automedicação. O questionário foi apresentado às turmas de medicina no final das aulas. Primeiramente, foi solicitada a autorização do professor responsável pela aula para realização da pesquisa. A explicação sobre o questionário e preenchimento do mesmo pelos estudantes. A duração média de aplicação do questionário foi 10 minutos. O estudo foi aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Unicesumar, conforme a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, sob o parecer número: 2.022.114. Para a realização do trabalho de campo, foi obtida autorização da Instituição de Ensino. Foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo assegurada aos participantes a liberdade de decidir pela participação ou não e que sua desistência não lhes acarretará nenhum tipo de prejuízo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

**Distribuição dos estudantes por série:** A Figura 1 apresenta a distribuição dos estudantes por série do curso. Nota-se que há um decréscimo na frequência de respondentes de acordo com a série do curso, sendo que 27,04% dos estudantes são da primeira série, enquanto apenas 7,45% são da sexta série. Tal fato pode ser explicado pela maior quantidade de estudantes nas primeiras séries (1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup>), devido ao aumento do número de vagas oferecidas pela universidade desde o período de abertura do curso até o momento do presente estudo, e pela menor disponibilidade dos estudantes das séries mais avançadas de responder os questionários.

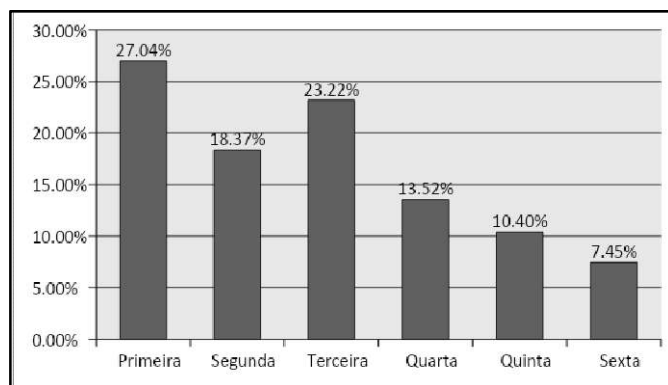


Figura 1. Distribuição dos estudantes de medicina de acordo com a série

**Dados sociodemográficos dos estudantes:** Do total da população estudada, 65,3% tinham entre 20-24 anos de idade, 58,75% eram do sexo feminino e 86,66% eram de cor/raça branca. Em relação à moradia, 53,55% residem sozinhos. Quanto ao estado civil, 95,32% eram solteiros e 83,71% dos estudantes eram provenientes de ensino médio cursado em escolas privadas e apenas 10,05 de escolas públicas. A maior parte dos pais (73,48%) e das mães (83,54%) dos estudantes possui escolaridade de 12 anos ou mais. A partir desses dados sociodemográficos, pode-se pressupor que os indivíduos entrevistados possuem um bom nível socioeconômico visto que possuem pais de elevada escolaridade, são provenientes e estudam em instituição privada. Schuelter-Trevisol *et al.* (2011) destaca que a prática de automedicação, nestes casos, não pode ser conferida à dificuldade financeira de acesso aos serviços de saúde, e sim à maior confiança em utilizar os medicamentos devido ao seu conhecimento prévio.

**Patologias dos estudantes:** No que se refere à patologias, 28,60% declararam ter diagnóstico de alguma patologia psiquiátrica (depressão, ansiedade, entre outros) e 26,52% usam medicamentos psiquiátricos. O percentual de depressão em estudantes de medicina oscila numa faixa de 8% a 17% no Brasil. Alguns dos fatores que contribuem para o desenvolvimento da depressão nos estudantes de medicina são alta carga horária, conteúdo didático extenso, insegurança em relação à própria capacidade de exercer a profissão de médico e à sua inserção no mercado de trabalho (NORONHA JÚNIOR, *et al.*, 2015; BETIATI *et al.*, 2019).

**Uso de medicamento sem receita médica pelos estudantes:** Em relação ao uso de medicamento sem receita médica, 95,87% referiram fazer uso. Embora, seja alarmante o percentual de jovens que se automedicam, dados superiores a 80% foram encontrados em outros estudos (GALATO; MADALENA; PEREIRA, 2012). ; SILVA *et al.*, 2012;

PIRZADEH, MOSTAFAVI, 2014; LATIFI *et al.*, 2017). Dentre os jovens entrevistados no presente estudo, 64,54% declararam ler a bula dos medicamentos e 84,35% referiram saber dos efeitos adversos, outros 14,29% disseram não conhecer os possíveis efeitos dos medicamentos que consumiam. O percentual de estudantes leitores da bula dos medicamentos foi menor do que o encontrado em um estudo sobre automedicação em estudantes do curso de enfermagem de uma Faculdade de Marília, São Paulo, cujos valores excederam 80% (SILVA, GOULART, LAZARINI, 2014). De acordo com o estudo supracitado, apesar das bulas dos medicamentos possuírem várias informações importantes do fármaco, elas ainda são incompletas, não apresentando de forma clara alguns dos seus riscos e interações medicamentosas. Conforme Domingues *et al.* (2017), nenhuma droga é inofensiva ao organismo, existindo, para todas elas, contraindicações e efeitos colaterais. Por isso, seu uso de forma negligente pode trazer prejuízos à saúde, os quais os estudantes ainda não estão preparados para tratar.

**Automedicação dos estudantes de medicina:** A automedicação entre os participantes deste estudo foi de 95,87% e se mostrou superior às prevalências encontradas entre estudantes do curso de medicina de outras universidades do Brasil, como da Universidade de Ribeirão Preto em São Paulo - 92% e da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora em Minas Gerais - 76% (ALVES, MALAFAIA, 2014). Segundo Domingues *et al.* (2017), esse comportamento pode ser mais prevalente em estudantes da área da saúde devido ao maior conhecimento sobre os medicamentos e, consequentemente, sentirem-se mais confiantes para realizarem a automedicação (VILARINO, 1998). Este fato vai de encontro aos dados obtidos no presente estudo, onde 36,14% dos entrevistados referiram acreditar ter conhecimento teórico para se automedicar. De acordo com Aquino, Barros e Silva (2010), tal autoconfiança é formada por informações adquiridas em propagandas, na internet, na própria sala de aula e nas experiências anteriores com o mesmo medicamento. Informações semelhantes, também foram encontradas com os jovens deste estudo, 41,82% dos entrevistados relataram o uso de alguns medicamentos por costume, uso crônico, ou por ter consultado uma vez, ter seu problema solucionado e continuar o uso.

A distribuição de frequências das variáveis relativas à ocorrência de automedicação dos participantes da pesquisa estão apresentadas na Tabela 1. Houve um elevado consumo de analgésicos e antiinflamatórios. Segundo Rios *et al.* (2013) o maior consumo desses medicamentos pode ser explicado por serem utilizados no alívio da dor, serem de fácil aquisição e passarem a impressão de que são drogas que não apresentam riscos à saúde, porque a maioria deles são classificados como venda livre. Estudos semelhantes identificaram também percentuais elevados no consumo desses medicamentos entre os estudantes, variando entre 56-96% no uso de analgésicos e 21-85% para antiinflamatórios (DOMINGUES *et al.*, 2017, TOMASINI *et al.*, 2015; LOPES *et al.*, 2014). Em relação aos motivos clínicos que levaram a prática da automedicação, os mais citados foram dor de cabeça (91,39%), dor de garganta (74,35%) e febre (69,19%) enquanto que o motivo “não clínico” mais frequente para a realização de tal prática foi que não havia necessidade de consulta médica para o problema apresentado, citado por 77,11% dos estudantes.

**Tabela 1. Distribuição de frequências das variáveis relativas à ocorrência de automedicação dos participantes da pesquisa**

Variável	N	%
Você já consumiu algum medicamento não sujeito a receita médica? *		
Ácido acetilsalicílico	253	43,55
Ácido ascórbico	189	32,53
Valeriana	55	9,47
Diclofenaco	295	50,77
Tirotricina	4	0,60
Ibuprofeno	488	83,99
Paracetamol	543	93,46
Não respondeu	11	1,89
Qual motivo (clínico) o levou a prática da automedicação? *		
Dor de cabeça	531	91,39
Febre	402	69,19
Náusea/vômito	270	46,47
Dor de garganta	432	74,35
Prevenção/suplementação	97	16,70
Resfriado	379	65,23
Anticoncepção	121	20,83
Acne	55	9,47
Tosse	245	42,17
Alergia	267	45,96
Estresse	90	15,49
Gastrite	176	30,29
Diarreia	119	20,48
Dor muscular	387	66,61
Não respondeu	8	1,38
Qual motivo o levou a prática da automedicação? *		
Demora em conseguir consulta médica	48	8,26
Custo de uma consulta médica	52	8,95
Não havia necessidade de consulta médica para o problema apresentado	448	77,11
Falta de tempo para ir ao médico	173	29,78
Outro	2	0,34
Não respondeu	21	3,61
Quem compra o medicamento? *		
Própria pessoa	480	82,62
Familiares	223	38,38
Amigos	16	2,75
Outros	9	1,55
Não respondeu	3	0,52
Quem aconselhou/influenciou o uso do medicamento? *		
Conhecimento próprio	409	70,00
Familiares	337	58,00
Amigos	105	18,07
Farmacêutico	149	25,65
Funcionário farmácia	40	6,88
Internet	50	8,61
Professor	57	9,81
Prescrição antiga	123	21,17
Não respondeu	19	3,27
Se a orientação for própria, em que se baseia para utilizá-los? *		
Costume, uso crônico. Consultou uma vez, resolveu o problema e continuou o uso.	243	41,82%
Acredito ter conhecimento teórico para me automedicar.	210	36,14%
Todos meus familiares usam e sei que resolve meu problema.	120	20,65%
Outro motivo	73	12,56%
Não respondeu	53	9,12%
Você utiliza sempre os mesmos medicamentos quando apresenta os mesmos sintomas?		
Sim	347	59,72%
Não	118	20,31%
Uso o que estiver disponível em casa	115	19,79%
Não respondeu	1	0,17%
Os remédios utilizados, sempre estão disponíveis em sua casa?		
Sim, procuro sempre ter em casa.	297	51,12%
Não, mas compro quando preciso.	263	45,27%
Não, procuro uma unidade de saúde/médico para consultar e pegar receita.	6	1,03%

\* A questão admite mais de uma resposta.

Segundo Alves e Malafaia (2014) o hábito de se automedicar está relacionado à presença de sinais e sintomas menores, como cefaléia, febre, dor muscular, entre outros. Pirzadeh e Mostafavi (2014), observaram em estudo semelhante que os fatores mais comuns que levavam à automedicação foram:

experiência anterior (60,7%), disponibilidade simples dos medicamentos (50,5%), doenças leves (45,5%), bom resultado (48,5%) e falta de tempo (42,3%). Observa-se que 82,62% dos jovens compra o medicamento. A maioria dos estudantes 70,40% citou que utiliza os medicamentos por conhecimento próprio e 58,00% disseram receber conselhos ou influências de familiares para o uso do medicamento. Ainda, os entrevistados foram questionados que se a orientação for própria, em que eles se baseiam para utilizá-los, sendo que 41,82% apontou que é por costume, uso crônico, consultou uma vez, resolveu o problema e continuou o uso, 36,14% disseram que acreditam ter conhecimento próprio para se automedicar e 20,54% relataram que os familiares fazem uso e sabem que resolve o problema. Segundo Rios *et al.* (2013), os familiares são uma das principais influências para a prática da automedicação pelo fato de realizam um importante papel no cuidado com a saúde dos estudantes. Por isso, uma significativa confiança é depositada neles, a partir do vínculo existente, facilitando, assim, o processo de automedicação. Verificou-se que 59,72% dos estudantes utiliza sempre os mesmos medicamentos quando apresentam os mesmos sintomas e 51,12% apontou que procura sempre ter em casa os remédios utilizados. Segundo Silva, Goulart e Lazarini (2014), o hábito de guardar em casa os medicamentos que, por muitas vezes, não foram utilizados na quantidade prescrita, ou que foram adquiridos em uma quantidade maior que a necessária, pode justificar o aparecimento de antibióticos na relação dos medicamentos utilizados para automedicação.

**Limitações do estudo:** Dentre as limitações do estudo é possível elencar a falta de representatividade de estudantes dos anos finais do curso, talvez ao longo da trajetória acadêmica esse comportamento para automedicação sofra influências e se altere. Outro aspecto é relativo ao delineamento deste estudo, pois trata-se de um estudo descritivo, estudos analíticos podem contribuir na identificação de fatores associados à prática da automedicação e hipóteses podem ser estruturadas.

**Implicações práticas:** Na prática, estudos deste caráter contribuem no conhecimento do perfil dos jovens estudantes e dão base para aprofundamentos e novos inquéritos. Os estudantes de medicina serão importantes atores na educação em saúde, sendo assim, com esse estudo, identificar o estilo de vida em seu processo de formação, é importante para criação de intervenções visando promover a saúde neste grupo.

## Conclusão

A automedicação dos estudantes de medicina é alta, principalmente o uso de analgésicos e antiinflamatórios. Dor de cabeça e garganta, bem como a febre são os principais motivos clínicos dos estudantes que levaram a prática da automedicação. Embora, grande parte dos estudantes tenha referido que a decisão e influência para automedicação foi própria, apenas um terço deles afirmaram ter conhecimento teórico para tal prática. Conhecer o perfil desses jovens permite a elaboração de estratégias promotoras de saúde, acompanhamento e orientação desse grupo.

## Agradecimentos

Ao Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR) e Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICETI) que contribuíram com esta investigação.

## REFERÊNCIAS

- Alves, T. A., and Malafaia, G. Automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Goiás. *ABCS Health Sci.* 2014; 39 (3): 153-9.
- Aquino, D. S. D., Barros, J. A. C. D., and Silva, M. D. P. D. 2010. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(5), 2533-2538.
- Betiati, V., de Melo Cardoso, I., Costa, B. R., Antunes, M. D., Massuda, E. M., and Nishida, F. S. 2019. Ansiedade e depressão em jovens universitários do curso de medicina de uma instituição do Noroeste do Paraná. *Revista Valore*, 4, 41-54.
- Brasil. Anvisa. Uso Indiscriminado de Medicamentos: Folder. 2017. Available online at [http://www.anvisa.gov.br/propaganda/folder/uso\\_indiscriminado.pdf](http://www.anvisa.gov.br/propaganda/folder/uso_indiscriminado.pdf)
- Concha-Cisternas, Y., Castillo-Retamal, M., and Guzmán-Muñoz, E. 2020. Comparación de la calidad de vida en estudiantes universitarios según nivel de actividad física. *Universidad y Salud*, 22(1), 33-40.
- Domingues, M. P. S., Brandt, G. P., Oliveira, A. P. R., Souza, S. J. P., Ramires, M. A., and Burci, L. M. 2017. Automedicação entre os acadêmicos da área de saúde. *Visão Acadêmica*, 18(2).
- Galato, D., Madalena, J., and Pereira, G. B. 2012. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17, 3323-3330.
- Júnior, M. A. G. N., Braga, Y. A., Marques, T. G., Silva, R. T., Vieira, S. D., Coelho, V. A. F., and Regazzoni, L. A. D. A. 2015. Depressão em estudantes de medicina. *Rev. méd. Minas Gerais*, 25(4):562-567.
- Latifi, A., Ramezankhani, A., Rezaei, Z., Ashtarian, H., Salmani, B., Yousefi, M. R., and Khezeli, M. 2017. Prevalence and associated factors of self-medication among the college students in Tehran. *Journal of Applied Pharmaceutical Science*, 7(07), 128-132.
- Lopes, W. D. F. L., Coelho, M. R. D. O. M., de Oliveira, J. P., de Oliveira Araujo, Y. M., Melo, M. D. C. N., and Tapety, F. I. 2014. A prática da automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Teresina-PI. *Revista Interdisciplinar*, 7(1), 17-24.
- Loyola, A. F., Uchoa, E., Guerra, H. L., Firmo, J. O., and Lima-Costa, M. F. 2002. Prevalence and factors associated with self-medication: the Bambui health survey. *Revista de saude publica*, 36(1), 55-62.
- Naves, J. D. O. S., Castro, L. L. C. D., Carvalho, C. M. S. D., and Merchán-Hamann, E. 2010. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15, 1751-1762.
- Pirzadeh, A., and Mostafavi, F. 2014. Self-medication among students in isfahan university of medical sciences based on health belief model. *Journal of education and health promotion*, 3:201-242.
- Rios, M. F., de Souza, W. A., de Souza Siqueira, V. M., Podestá, M. H. M. C., Zuba, A. G., Machado, J. C. F. S., and FERREIRA, E. B. 2013. Perfil da automedicação dos alunos de uma escola técnica do Sul de Minas Gerais. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, 11(2), 420-431.
- Schuelter-Trevisol, F. *et al.* 2011. Automedicação em universitários. *Rev Bras Clin Med.* 9(6):414-7
- Sheena, A. A., and Aslam, M. 2017. Frequency of self-medication among medical students and their choice of

- medicine; a descriptive cross-sectional survey. *Pak J Surg*, 33(3), 218-221.
- Silva, F. M., Goulart, F. C., and Lazarini, C. A. 2014. Caracterização da prática de automedicação e fatores associados entre universitários do curso de Enfermagem. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 16(3), 644-51.
- Silva, R. C., Oliveira, T. M., Casimiro, T. S., Vieira, K. A., Tardivo, M. T., Junior, M. F., and Restini, C. B. 2012. Automedicação em acadêmicos do curso de medicina. *Medicina (Ribeirão Preto)*, 45(1), 5-11.
- Tomasini, A. A., Ferraes, A. M. B., and Santos, J. S. 2016. Prevalência e fatores da automedicação entre estudantes universitários no Norte do Paraná. *Biosaúde*, 17(1), 1-12.
- Vilarino, J. F., Soares, I. C., Rödel, A. P., Bortoli, R., and Lemos, R. R. 1998. Self-medication profile in a city of south Brazil. *Revista de saude publica*, 32(1), 43-49

\*\*\*\*\*